

Guerreiro Ramos na UFSC: memórias de Sinésio Ostroski e a noção de homem parentético

Sérgio Luís Boeira

Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, Brasil
E-mail: sbsergio267@hotmail.com

André Luiz Kopelke

Instituto Federal Catarinense, Florianópolis, Brasil
E-mail: andre.kopelke@ibirama.ifc.edu.br

Nadja Aires

Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, Brasil
E-mail: airesnadja@gmail.com

Ilane Frank Dias

Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, Brasil
E-mail: ilanefrank@gmail.com

Resumo

Este artigo examina parte da herança intelectual de Guerreiro Ramos na UFSC, destacando dois aspectos: a) as memórias de Sinésio Ostroski como um dos seus interlocutores, a partir de uma entrevista com o método da história oral temática; e b) o conceito de “homem parentético” como uma ideia seminal na obra de Guerreiro Ramos. Nós propomos uma interpretação segundo a qual há três fases na elaboração do conceito, como parte de uma reflexão interdisciplinar sobre a natureza humana.

Palavras-chave: Guerreiro Ramos. Homem Parentético. História Oral Temática.

Abstract

This article examines part of the intellectual heritage of Guerreiro Ramos at UFSC, highlighting two aspects: a) the memories of Sinésio Ostroski as one of their interlocutors, from an interview with the method of oral history; b) on the other hand, we emphasize the concept of “parentetical man” with as seminal idea in the work of Guerreiro Ramos. We propose an interpretation that there are three phases in the development of the concept, as part of an interdisciplinary reflection on human nature.

Keywords: *Guerreiro Ramos. The Parentetical Man. Oral History Tematic.*

I Introdução

Esse capítulo é resultante de um projeto de pesquisa aprovado no Colegiado do Departamento de Ciências da Administração da UFSC, em 2013, que tem como objetivo geral investigar a herança intelectual de Guerreiro Ramos em Santa Catarina, tanto em termos de produção escrita quanto em termos de memórias e de reflexões de alguns de seus principais interlocutores. Os objetivos específicos são: a) identificar as ideias centrais de Guerreiro Ramos como professor da UFSC, por meio da análise de Cadernos do Curso de Pós-Graduação em Administração, entre outros documentos e bibliografia disponível no Núcleo Organizações, Racionalidade e Desenvolvimento (ORD); b) descrever as memórias e reflexões de alguns de seus interlocutores, observando especialmente em que aspectos a herança intelectual de Guerreiro Ramos influenciou suas trajetórias socioprofissionais e existenciais. Além da análise documental/bibliográfica, utilizamos a estratégia de pesquisa denominada história oral temática.

Justifica-se a iniciativa de tal pesquisa na medida em que se constata que Guerreiro Ramos ainda é muito pouco conhecido entre estudantes e professores de cursos de Ciências Sociais e de Administração da UFSC e em Santa Catarina, embora tenha sido reconhecido internacionalmente. Uma mostra de seu reconhecimento ocorre em 2014, quando a Fundação Getúlio Vargas (FGV) e a University of Southern Califórnia (USC) decidiram criar a Cátedra Internacional Guerreiro Ramos (Cavalcanti; Duzert; Marques, 2014).

No presente capítulo optamos por focalizar dois tópicos: uma síntese da entrevista com um de seus interlocutores, Sinésio Ostroski, com meio século de dedicação à UFSC, e um tópico no qual buscamos

interpretar o desenvolvimento da noção de homem parentético na obra de Guerreiro Ramos, demarcando três momentos, em três décadas, cobrindo um período que vai de 1963 a 1981.

2 Memórias de um Interlocutor de Guerreiro Ramos: Sinésio Ostroski

Em entrevista aberta, ao estilo da história oral temática, com Sinésio Stefano Dubiela Ostroski, em sua sala Departamento de Ciências da Administração (CAD) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), no dia 10 de novembro de 2014, conhecemos um pouco de sua personalidade e de sua trajetória singulares. Nosso propósito era justamente conhecer o lado humano de Guerreiro Ramos e de pessoas que com ele conviveram na UFSC.

Sinésio nasceu em 1945 na cidade de Canoinhas, interior de Santa Catarina, mas se mudou ainda jovem para a capital do Estado (1958), motivo pelo qual ele adquiriu o típico sotaque local. No ano de 1965, Sinésio iniciou suas atividades na UFSC na condição de servidor técnico. Em 2015, ele completou 50 anos de serviços prestados à UFSC e, atualmente, continua colaborando como voluntário para esta instituição.

A partir de 1970, Sinésio passou a lecionar em turmas de segundo grau e em 1975 fez concurso para docente do curso de Administração do CAD, e foi admitido para o cargo. Em 1977 foi designado Chefe de Departamento.

Nesse período começou a ser gestado um projeto para a implementação de um Programa de Mestrado em Administração na UFSC. Segundo o relato de Sinésio, a UFSC estava, na época, em pleno processo de implantação da reforma universitária, contando com a colaboração de Rudolph Atcon, assessor da UNESCO nos anos de 1970, na América Latina.

Sinésio recorda que o Reitor da UFSC até o início dos anos 1970 foi João David Ferreira Lima. Ele conta que esse reitor tinha uma grande habilidade política e um ótimo trânsito no Ministério da Educação na época. Nesse período foi criado o Conselho de Reitores das Universidades Brasileiras, e João David Ferreira Lima passou a exercer a

presidência da entidade. Essas relações estreitas com o poder central e o fato de a UFSC já adotar um modelo de gestão universitária ajustado às orientações da UNESCO fizeram com que a estrutura organizacional e a forma de gestão fossem consideradas modernas para a época.

A reforma universitária gerou uma necessidade de profissionais qualificados para a gestão desse novo modelo de organização de educação superior, não apenas na UFSC mas em todo o Brasil. Diante da necessidade de formação desses novos profissionais, crescia no CAD o interesse em desenvolver um Mestrado em Administração voltado para a área de Gestão Universitária, de forma a aproveitar o conhecimento de vários profissionais que já atuavam na UFSC, num modelo considerado exemplar para o ensino superior brasileiro.

A perspectiva de criação de um Mestrado em Administração produzia a necessidade de aprimorar o corpo docente. A UFSC começou a fazer isso atraindo docentes do exterior (Robert Wayne Samohyl, entre outros), além de incentivar docentes do quadro a desenvolverem seus mestrados e doutorados no exterior. É nesse contexto que professores do CAD – Ubiratan Simões Rezende, João Benjamim da Cruz, José Francisco Salm e Francisco Heidemann – ingressaram no programa de Administração Pública da University of Southern California (USC). Lá conheceram e frequentaram as disciplinas do sociólogo brasileiro Alberto Guerreiro Ramos. Alguns são também orientados por ele na elaboração de suas teses.

A experiência dos professores do CAD na Califórnia, quando considerada no contexto da UFSC, gerou um impacto significativo. O contato com Guerreiro Ramos e outros docentes da USC permitiu, aos quatro professores da UFSC, uma ampliação de seu quadro de referências epistemológicas no campo da administração. As novas perspectivas desses professores nem sempre eram adequadamente interpretadas pelos demais docentes e servidores da UFSC que permaneceram no Brasil. O professor Sinésio relata, com bom humor, que muitos julgavam que os professores voltavam “malucos” do exterior.

Apesar dessa resistência, a necessidade de reforço do quadro de docentes com profissionais devidamente titulados era fundamental. Nesse contexto, os quatro docentes da UFSC que realizaram seus

doutorados na USC deram início a uma série de articulações que permitiram o retorno de Alberto Guerreiro Ramos ao Brasil no início da década de 1980. Era a primeira vez que ele retornava ao Brasil depois de ter seus direitos políticos cassados pelo Regime Militar em 1964.

O retorno de Guerreiro Ramos foi viabilizado com a criação de um curso especial de mestrado, em parceria com a Fundação de Economia e Planejamento do Governo do Estado de Santa Catarina, na época presidida por Ubiratan Simões Rezende. Além de Guerreiro Ramos, o curso contava com outros docentes da USC que se deslocavam dos Estados Unidos para lecionar em Florianópolis. O curso foi estruturado em torno das disciplinas lecionadas por Guerreiro Ramos nos EUA e adaptadas para o contexto brasileiro.

Foi uma iniciativa de vanguarda para a época. Nesse período, os demais docentes do CAD tiveram contato com Guerreiro Ramos. Sinésio relata que muitos dos docentes do CAD não conseguiram absorver a visão de mundo e as perspectivas epistemológicas diferenciadas de Guerreiro Ramos. Ele não foi adequadamente compreendido. Não havia, na UFSC de então, um corpo docente suficientemente maduro, em termos acadêmicos, para que as ideias de Guerreiro Ramos pudessem reverberar e frutificar. No entanto, algumas de suas ideias permaneceram e foram incorporadas pelos docentes do CAD nas suas atividades em sala de aula.

Sinésio recorda que, dentre os conceitos apresentados por Guerreiro Ramos, o que mais o impactou, e o que teve influência mais profunda e duradoura em sua prática docente foi o conceito de homem parentético. Para Sinésio, o conceito de homem parentético é tão distante da realidade organizacional que “chega a assustar”. Quando menciona uma suposta distância da realidade organizacional, ele não quer dizer que o conceito em si esteja errado ou que não reflita o que de fato ocorre nas organizações. Sinésio faz referência à distância que a concepção parentética de natureza humana está das concepções utilitárias e reativas de natureza humana, típicas da análise organizacional praticada nos anos de 1980 e, em grande medida, até os dias atuais.

Sinésio lamenta que o conceito não tenha sido mais explorado e elaborado em função da morte prematura de Guerreiro Ramos. Nosso

entrevistado também relata certa falta de receptividade da noção de homem parentético entre os estudantes do curso de administração na medida em que estes não conseguem vincular o conceito desenvolvido por Guerreiro Ramos à realidade organizacional.

É difícil para um estudante de graduação compreender que dentro de um ambiente burocrático, submetido a pressões de uma racionalidade instrumental, dificilmente um ser humano terá condições de desenvolver e exercitar uma habilidade parentética. Nas organizações burocráticas tradicionais, orientadas por uma lógica funcionalista, as pessoas são estimuladas a utilizar apenas suas dimensões reativas e operacionais. Segundo os preceitos do utilitarismo na gestão tradicional, Sinésio diz que “os inúteis viram sabão”.

Sinésio recorda que Guerreiro Ramos tinha um carisma (como um “guru oriental”) que atraía muitas pessoas. Ele lembra-se de certa ocasião em que, numa confraternização entre professores do CAD, em jantar (churrasco) na casa de um deles, Guerreiro Ramos era o centro das atenções. Mesmo em momentos de descontração, o sociólogo baiano falava de suas concepções de mundo e a conversa atraía os que estavam em torno dele. Como não baseava suas ideias em nenhum dos autores tradicionais utilizados pelos demais docentes em suas aulas, Guerreiro Ramos cativava os ouvintes, pois trazia algo novo e relevante que gerava um misto de impacto e curiosidade entre os ouvintes.

Também em sala de aula a sua postura era singular. Se eventualmente um aluno não matriculado quisesse assistir a sua aula, ele não se opunha. Porém exigia que os que quisessem assistir suas aulas tivessem algum conhecimento prévio dos temas tratados, pois esperava que houvesse debate. Guerreiro Ramos era muito crítico da postura passiva de muitos estudantes que se colocavam na posição de meros receptores de conteúdo. Para ele, essa postura passiva deveria ser superada.

Sinésio considera que Guerreiro Ramos tenha sentido certa frustração na sua passagem pela UFSC. Esse descontentamento foi decorrente, em grande parte, pela falta de compreensão adequada sobre o que ele tinha para dizer. Suas ideias não tiveram reflexo esperado na UFSC. Ele relata que Guerreiro Ramos queria dar prosseguimento

aos seus estudos e pesquisas, mas percebeu que isso não seria possível em Santa Catarina. O sociólogo já contava com uma ampla rede de pesquisadores que o apoiavam em seus estudos na University of Southern California (USC) e percebeu que só poderia dar continuidade à sua carreira acadêmica se voltasse para lá.

Por fim, Sinésio lamenta que quase todos os registros da passagem de Guerreiro Ramos pela UFSC tenham desaparecido. Praticamente nada se fez para preservar a memória da passagem pela UFSC desse intelectual internacionalmente renomado. Como consequência disso, na UFSC de hoje são poucos os que sabem quem foi Guerreiro Ramos. E um número ainda muito restrito de pessoas sabe que no início dos anos de 1980 ele deu uma contribuição para a construção da história dessa universidade com sua participação no Programa de Mestrado em Planejamento Governamental, desde sua aula inaugural, em de maio de 1980, no Salão de Conferências da UFSC, conforme será visto mais adiante.

3 Homem Parentético: uma visão da natureza humana e seus desdobramentos

Nesse tópico, vamos destacar três momentos da obra de Guerreiro Ramos em que o autor desenvolve sua concepção de natureza humana vinculando-a a noções de homem parentético e a outros conceitos afins. Os três momentos que destacamos ocorrem no início da década de 1960, no início da década de 1970 e de 1980.

Guerreiro Ramos começa a explicitar conceitualmente sua concepção de natureza humana – com as noções de homem parentético e atitude parentética – em um capítulo de *Mito e verdade da revolução brasileira*, livro publicado em 1963, portanto, às vésperas da intervenção militar que passou a dominar o Brasil, a partir de março de 1964. Nessa obra, o autor revisita conceitos como revolução e atitude revolucionária, socialismo, marxismo-leninismo, internacionalismo proletário, revisionismo e outros, antes de abordar as noções de organização e patologia da normalidade, atitude parentética, vontade orgânica e vontade refletida, pensamento planejado e imaginação sociológica. A partir desse conjunto de noções ele tece críticas não somente a ideias

dominantes nos Estados Unidos como também na ex-União Soviética. Segundo ele o Brasil deveria repelir o condicionamento externo da vida política e econômica. A intelectualidade brasileira precisava libertar-se da servidão conceitual.

Para Guerreiro Ramos, o fato de se ter tornado a noção de organização um objeto de reflexão sistemática no campo da ciência social e da filosofia assinalaria um novo momento na evolução do saber e um novo poder do ser humano sobre si mesmo e sobre as circunstâncias. Com a noção de atitude parentética seria então possível

[...] ajustar-se ativamente à sociedade e ao universo. Sem ela, é matéria bruta dos acontecimentos, unidade indiferenciada de um rebanho, coisa entre outras coisas. A atitude parentética, na medida em que se democratize, fundará, por fim, o período da história consciente do homem. De humanização da natureza. De naturalização do homem. (Guerreiro Ramos, 1963, p. 145, 146)

Nesse primeiro momento, Guerreiro Ramos (1963, p. 147) concebe a organização como o “[...] segredo da servidão humana. É para os seres humanos o que a espécie é para os animais inferiores [...]”, porque “[...] uniformiza as condutas, subordinando-as mecânica e dogmaticamente” (Guerreiro Ramos, 1963, p. 147). A organização é vista como um veneno cotidiano cujos efeitos lesivos frequentemente passam despercebidos. Também é concebida como um paradoxo que tem duas faces, uma boa e outra má: “[...] sem ela, a vida é impossível; com ela, a vida se desnatura” (Guerreiro Ramos, 1963, p. 156). Para o autor, um ideal de justiça só pode encarnar-se historicamente por intermédio da organização institucional, mas a partir de sua implantação a tendência é de uma distorção pela qual alguns se beneficiam com privilégios. “Só a organização corrige os malefícios de uma organização ilegítima ou caduca. O homem está condenado à organização” (Guerreiro Ramos, 1963, p. 157). A atitude parentética é concebida como o antídoto para os malefícios da organização. O autor a vincula à noção de “redução sociológica”, como um “novo modo de pensar”, que serviria “[...] não somente para transpor conhecimentos de um contexto para outro, como também para o exame de qualquer fato social” (Guerreiro Ramos, 1963, p. 153). Também associa a atitude

parentética e a redução sociológica à noção de “imaginação sociológica” de Wright Mills (1959), que combate as limitações da hiperespecialização com um saber liberador acessível ao cidadão comum, defendendo o artesanato intelectual para os pesquisadores.

Cerca de uma década depois, conforme assinalam Azevedo e Albernaz (2006), Guerreiro Ramos planejava escrever um livro sobre a noção de homem parentético, reunindo diversos estudos, de vários autores. Para Guerreiro Ramos (1971, p. 472), a noção de homem parentético teria como correspondente uma visão de sociedade pós-institucional e consideraria “[...] os códigos de ética institucionalizados como truques ou fachadas, portanto, abertos a questionamentos [...]”, o que implicava uma visão da sociedade como “um estágio precário no qual papéis são jogados de acordo com regras cuja legitimidade é para ser avaliada segundo o ponto de vista de desenvolvimento humano” (Guerreiro Ramos, 1971, p. 473).

No início da década de 1970, ele afirmava que na teoria administrativa o homem operacional equivaleria ao *homo economicus* da economia clássica, ao *homo sociologicus* admitido pelo modelo acadêmico da sociologia e ao *homo politicus* predominante na ciência política estabelecida. Guerreiro Ramos dizia que as características psicológicas comuns a esses tipos de homem eram inerentes ao sistema social industrial, tendendo, portanto, à manutenção deste.

O homem operacional, taylorista, é um recurso organizacional a ser maximizado em termos de resultado físico mensurável. O trabalhador é tomado como um ser passivo a ser programado por especialistas para funcionar na organização; é treinado para maximizar a produção; é concebido como calculista, motivado por recompensas materiais e econômicas; a administração é concebida como neutra; há uma indiferença sistemática às noções de ética; a noção de liberdade pessoal é estranha ao esquema da organização e o trabalho implica essencialmente num adiamento da satisfação.

Uma segunda concepção dominante no âmbito da teoria organizacional surgia com a chamada escola das relações humanas, que tinha uma visão mais sofisticada da natureza da motivação do homem e não negligenciava o ambiente social externo à organização, conce-

bendo esta como um sistema aberto, sem omitir o papel dos valores, dos sentimentos e atitudes no processo produtivo. Guerreiro Ramos denominou este tipo de homem como “reativo”. Os humanistas também concebiam a empresa e o sistema industrial como variáveis independentes. Nada mudou essencialmente. Procedimentos para a cooptação de grupos informais e para o manejo de relações humanas foram desenvolvidos para estimular reações positivas do trabalhador, visando os propósitos da empresa. O propósito final, além de aumentar a produção, era transformar o trabalhador no que W. H. Whyte Jr. chamou de homem organizacional.

Guerreiro Ramos (1998, p. 133) afirmou que a integração do indivíduo e da organização omite

[...] o caráter duplo básico da racionalidade. Na verdade, existe uma racionalidade cujos padrões não têm nada a ver com o comportamento administrativo. Essa racionalidade chamada substantiva e noética por Karl Mannheim e Eric Voegelin, respectivamente, é um atributo do indivíduo como criatura de razão e jamais pode ser compreendida como pertencendo à organização.

A racionalidade substantiva ou noética existe, segundo o autor, em permanente tensão com a racionalidade instrumental, não estando sistematicamente relacionada à coordenação de meios e fins visando à eficiência. É derivada dos imperativos imanentes da razão propriamente dita, que é independente de obediência às exigências da eficiência. O autor, como se pode deduzir, estende sua compreensão de homem parentético para conceber e interpretar a racionalidade humana com uma dupla face, uma delas vinculada à organização e outra com potencialidade de transcender a organização. O surgimento do homem parentético é também o reconhecimento de uma forma de racionalidade que tende a ser ofuscada na modernidade pela industrialização e pelas organizações formais, burocráticas. A noção de homem parentético é vinculada por Guerreiro Ramos às ideias de Husserl de suspensão e parêntese, assim como às ideias de atitude natural/habitual e crítica. A natural/habitual corresponderia ao ser ajustado, indiferente e fechada à racionalidade noética. “A atitude crítica suspende ou põe entre parênteses a crença no mundo habitual, permitindo ao indivíduo

alcançar um nível de pensamento conceitual e, portanto, a liberdade” (Guerreiro Ramos, 1998, p. 135; 1984).

Ainda no início da década de 1970, Guerreiro Ramos apresentou outra face da sua compreensão da natureza humana, vinculando essa face à crítica da modernização e ultrapassando a noção de desenvolvimento nacional para conceber uma sociedade mundial, um homem planetário. Isso ocorre por intermédio de seu artigo intitulado *A modernização em nova perspectiva: em busca do modelo da possibilidade*.¹ Basicamente, o que Guerreiro Ramos faz é uma distinção entre dois tipos ideais para a análise do problema da modernização: a teoria N, ou enfoque sinótico, e a teoria P, ou contextualismo dialético. No primeiro modelo, há o pressuposto de que existe uma só e melhor maneira de desenvolvimento e modernização. Já no segundo modelo abre-se um leque de possibilidades, não havendo causas absolutamente necessárias. Nesse segundo modelo, estão implícitas a atitude parentética e a racionalidade substantiva, agora em contexto amplo, no conjunto das nações em contexto mundial. Guerreiro Ramos afirma que os termos “desenvolvido”, “subdesenvolvido” ou “em desenvolvimento” têm forte conteúdo ideológico, um pressuposto linear e serialista, característico de sociedades industrializadas dominantes no contexto mundial. Ele entende que é mais realístico distinguir entre nações hegemônicas e periféricas. O autor afirma que, segundo o modelo do contextualismo dialético, todas as sociedades são, em diferentes graus, ao mesmo tempo atrasadas e modernas, e que só podem existir indicadores *ad hoc* de modernização. Tais sociedades podem conceber a natureza humana como sendo aberta a muitas possibilidades, assim como a concepção de homem parentético é aberta a uma compreensão da dupla face da racionalidade e às potencialidades de desenvolvimento humano dentro e fora das organizações (Guerreiro Ramos, 2009).

Por fim, no início da década de 1980, mais precisamente em 12 de maio de 1980, em sua aula inaugural no Programa de Mestrado em Planejamento Governamental, na UFSC, Guerreiro Ramos situou o curso na “[...] crise do sistema econômico mundial e do impasse econômico e político do País” (Guerreiro Ramos, 1980, p. 28). Fez uma breve retrospectiva dos trabalhos da Comissão Econômica para a América Latina (CEPAL) e em seguida afirmou que a metáfora do desenvolvimento

já não tinha mais validade histórica. A história emergente do Brasil, segundo ele, “tende a ser caracterizada pela consciência de limites, que se destina a tornar-se a categoria configuradora do processo de alocação de recursos” (Guerreiro Ramos, 1980, p. 29). Afirmou que o curso de Planejamento Governamental era uma inovação, em vários sentidos, incluindo especialistas que trabalhavam em Florianópolis e em Los Angeles. Todas as atividades de ensino no curso seriam

[...] coerentemente empreendidas do ponto de vista da teoria da delimitação dos sistemas sociais. Essencialmente, tal teoria é uma nova concepção da alocação de recursos, fundamentalmente permeada pela consciência de limites. O mundo e o Brasil, como parte dele, chegam hoje em dia à era dos limites. (Guerreiro Ramos, 1980, p. 29, 30)

Guerreiro Ramos deteve-se na caracterização da era dos limites, acentuando que no Brasil novas modalidades de políticas públicas deveriam ser formuladas a fim de se prover o Governo Federal e os Governos Estaduais da capacidade de reorientar o processo de criação de riquezas. Salientou que o processo convencional de desenvolvimento desde meados do século XX no Brasil tem confrontado principalmente duas espécies de limites: a decorrente da escassez absoluta de recursos finitos, como o petróleo, e a decorrente da incapacidade do ambiente de processar os poluentes produzidos pelo modelo econômico atual. Finalizou sua aula inaugural salientando as características singulares da história econômica de Santa Catarina, representadas, por exemplo, pelo equilíbrio entre agricultura e indústria, a distribuição entre pequena, média e grande empresa, com sensibilidade aos parâmetros ecológicos do processo de produção. Por tais características, a UFSC seria o lugar ideal para iniciar no Brasil um Curso de Planejamento Governamental, em nível de mestrado, segundo as características teóricas e metodológicas sugeridas.

Guerreiro Ramos exemplificava, assim, sua noção atualizada de homem parentético, apresentando sua teoria da delimitação de sistemas como base do referido curso como uma inovação para a UFSC, para Santa Catarina e para o Brasil. Suas palavras, pode-se deduzir, carregavam implicitamente as noções de redução sociológica, de racionalidade substantiva e o enfoque do contextualismo dialético.

Sua compreensão da humanização da natureza e da naturalização do homem alargava-se para incluir uma concepção de limites ecológicos ao setor produtivo.

Em 1981, sua última e principal obra traz no prefácio a afirmação de que “[...] o modelo de alocação de mão-de-obra e de recursos, implícito na teoria dominante de organização, não leva em conta as exigências ecológicas e não se vincula, portanto, ao estágio contemporâneo das capacidades de produção” (Guerreiro Ramos, 1981, p. xi). Dois conceitos se destacam nessa obra por sua forte vinculação com a noção de homem parentético: fenonomia e isonomia. Esses tipos ideais referem-se a enclaves ou sistemas sociais com relações sociais autogratificantes, frequentemente subordinadas a ambientes formais, econômicos, burocráticos. Enquanto nos primeiros, de maneira distinta ou em formas híbridas, é possível desenvolver-se a racionalidade substantiva ou noética, permitindo ao ser humano uma forma de autoatualização, autorrealização e compreensão da atitude parentética, nos ambientais formais predomina, em princípio, a racionalidade instrumental. No conjunto de sua obra, Guerreiro Ramos desenvolveu uma noção de natureza humana inconformista e pluralista e uma concepção multicêntrica, aberta e ecológica da sociedade.

4 Considerações Finais

Nossa intenção de recuperar, por intermédio de entrevista com Sinésio Ostroski, uma visão do ser humano Guerreiro Ramos, a partir de sua convivência com este intelectual, resultou na compreensão da centralidade do conceito de homem parentético. Além das recordações de Sinésio, dedicamos uma seção do texto exclusivamente para tratar deste conceito e de seus desdobramentos, o que fizemos distinguindo três momentos que consideramos fundamentais. O primeiro deles, no início dos anos de 1960, pouco antes de ser expulso do Brasil pelo regime militar, quando Guerreiro Ramos enfatizava uma redução sociológica no tratamento da literatura socialista e organizacional. Poderíamos concluir que tal momento é centrado na sociologia, ainda que tenha traços transdisciplinares com a filosofia e com a ciência política. No segundo momento, no início dos anos de 1970, o autor aprofunda

sua análise destacando aspectos antropológicos e filosóficos, além de sociológicos e administrativos. Por fim, no início da década de 1980, já na UFSC, Guerreiro Ramos inovou antecipando aspectos de sua última obra, que seria publicada no Brasil em 1981. Na sua aula inaugural no Curso de Planejamento Governamental, ele atualizou sua concepção de homem parentético por meio de uma abordagem voltada para a ecologia; sua compreensão da natureza humana ultrapassava as ciências sociais para dialogar com as ciências da natureza. Todas as ciências consideradas por Guerreiro Ramos, a sociologia, a administração, a psicologia, a antropologia fundamental, a ciência econômica, a ciência política, a ecologia, são permeadas pela filosofia e pela consideração da ética, base de sua compreensão da natureza humana.

Por fim, ressaltamos que essa interpretação é apenas uma entre muitas outras possíveis que contribui para o debate sobre a relevância da obra de Guerreiro Ramos.

Notas

¹ Heidemann observa que este artigo teve mais de uma versão, sendo a primeira de 1967 e a última de 1970, com algumas reformulações (Heidemann; Salm, 2009).

Referências

AZEVEDO, A.; ALBERNAZ, R. A antropologia do Guerreiro: a história do conceito de homem parentético. **Cadernos EBAPE.BR**, [S.l.], v. IV, n. 3, p. 1-19, out. 2006.

CAVALCANTI, B.; DUZERT, Y.; MARQUES, E. (Org.). **Guerreiro Ramos**. Coletânea de depoimentos; collection of testimonials. Rio de Janeiro: FGV, 2014.

GUERREIRO RAMOS, A. The parenthetical man. **Journal of Human Relations**, [S.l.], v. 19, n. 4, p. 463-87, 1971.

GUERREIRO RAMOS, A. A modernização em nova perspectiva: em busca do modelo da possibilidade. In: HEIDEMANN, F. G.; SALM, J. F. (Org.). **Políticas públicas e desenvolvimento: bases epistemológicas e modelos de análise**. Brasília, DF: Editora da UnB, 2009. p. 41-79.

GUERREIRO RAMOS, A. **A nova ciência das organizações: uma reconceitualização da riqueza das nações**. Rio de Janeiro: FGV: 1981.

GUERREIRO RAMOS, A. **Mito e verdade da revolução brasileira**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1963.

GUERREIRO RAMOS, A. Modelos de homem e teoria administrativa. **Revista de Administração Pública**, Rio de Janeiro, v. 18, n. 2, p. 3-12, abr.-jun., 1984.

GUERREIRO RAMOS, A. Os modelos de homem e a teoria administrativa. *In*: CARAVANTES, G. R. **Teoria geral da administração: pensando & fazendo**. 2. ed. Porto Alegre: AGE, 1998. p. 128-141.

GUERREIRO RAMOS, A. Programa acadêmico e de pesquisa em planejamento governamental. **Cadernos do Curso de Pós-Graduação em Administração**. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 1980. 54 p.

MILLS, C. W. **The sociological imagination**. Nova York: Oxford University Press, 1959.

Recebido em 16/12/2015

Aceito em 17/12/2015